

## INSTRUMENTOS AVALIATIVOS NOS ANOS INICIAIS: INDÍCIOS DE (IN)DIFERENCIAÇÃO CONCEITUAL NAS PRÁTICAS DOCENTES

Cristiane de Campos<sup>1</sup>  
Ana Angélica Alves Moreira<sup>2</sup>  
Pâmela Eduarda Koch<sup>3</sup>  
Doris Helena Schaun Gerber<sup>4</sup>  
Katlen Böhm Grando<sup>5</sup>

### RESUMO

Em um contexto marcado pela expansão das avaliações de larga escala, observa-se no contexto escolar, crescente dissociação entre avaliação e aprendizagem, o que contraria a compreensão de que a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem (Luckesi, 2000). A pesquisa “Estratégias avaliativas e a interlocução com as aprendizagens nos Anos Iniciais” tem como objetivo analisar os instrumentos avaliativos utilizados por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, investigando indícios de clareza conceitual em suas práticas. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, com apoio de dados quantitativos, realizado com professoras de escolas públicas de sete municípios da região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul. Além da revisão bibliográfica e de observações de aula, aplicou-se questionário composto por questões de múltipla escolha e dissertativas, organizado nas categorias: identificação, estratégias avaliativas, estratégias de aprendizagem e elaboração de relatórios ou pareceres. Neste trabalho, apresentam-se dados parciais referentes à análise das respostas à questão sobre os instrumentos de avaliação utilizados. Foram obtidas 206 respostas, das quais emergiram 170 termos distintos referentes aos instrumentos avaliativos. Após agrupamento semântico, identificaram-se como mais recorrentes: observação (36%); provas/testes (30%); menção ao tipo de atividade avaliativa (oral, escrita, individual, coletiva...) (28%); jogos e brincadeiras (23%) e referência à função da avaliação (diagnóstica, formativa, somativa...) (22%). Entre os 20 termos mais citados, 11 configuram instrumentos avaliativos, 7 correspondem a estratégias de aprendizagem e 2 referem-se a critérios avaliativos. A presença de termos que confundem instrumentos, estratégias e critérios revela indícios de indiferenciação conceitual nas práticas docentes. Por fim, os resultados apontam para a necessidade de investimento em formação continuada, a fim de qualificar o entendimento sobre avaliação e, conseqüentemente, sua prática, fortalecendo a articulação entre avaliação e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Anos Iniciais, Aprendizagem, Avaliação, Instrumentos avaliativos, Práticas docentes.

1 Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Ivoti - RS, cristiane.campos@institutoivoti.com.br;

2 Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Ivoti - RS, ana.moreira@institutoivoti.com.br;

3 Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Ivoti - RS, pamela.koch@institutoivoti.com.br;

4 Professora: Mestre em Educação, Instituto Superior de Educação Ivoti - RS, doris.gerber@institutoivoti.com.br

5 Professora orientadora: Doutora em Educação, Instituto Superior de Educação Ivoti - RS, katlen.grando@institutoivoti.com.br.



## INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios contemporâneos ligados à educação: respeito às individualidades das crianças, valorização docente, uso exagerado de telas, famílias ausentes... No entanto, o maior deles sempre foi e segue sendo a garantia da aprendizagem por todas as crianças que estão na escola. Esta é, sem sombra de dúvidas, a grande razão da escola existir.

A partir de uma rápida leitura do cenário encontrado em grande parte das escolas brasileiras, pode-se afirmar que paira no ar uma tendência – em certa medida proveniente do movimento provocado pelas avaliações externas, como Avaliação Nacional da Alfabetização e Provinha Brasil – de separar os processos de ensino, aprendizagem e avaliação. É comum que se utilize diferentes “caixinhas” para pensar e planejar cada um desses processos: ou se está ensinando e as crianças estão (ou deveriam estar) aprendendo, ou se está avaliando. Essa dissociação entre avaliação e aprendizagem, contraria a compreensão de que a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem (Luckesi, 2000).

Talvez não seja incorreto afirmar que as avaliações externas e suas matrizes geraram, em muitas realidades, a errônea ideia de que se precisa ensinar para avaliar, ou seja, que o objetivo final dos processos de ensino e de aprendizagem é a avaliação. Não é incomum a utilização de matrizes das avaliações externas para balizar ou conduzir o planejamento docente, com o intuito de “trabalhar” especificamente os conteúdos que serão abordados em tais avaliações.

Em muitas realidades, a professora planeja o ensino, coloca-o em prática e, ao final de um projeto, sequência didática ou capítulo trabalhado, aplica um instrumento pontual de avaliação para mensurar as aprendizagens. Cada criança é classificada quanto ao seu saber, recebe uma nota ou conceito e a docente segue ensinando o que estava no programa daquele ano letivo ou daquele componente curricular, sem considerar o que é preciso retomar, reforçar, retroceder. Nem ao menos se reflete com as crianças sobre o desempenho demonstrado por elas através dos instrumentos avaliativos. Como poderão avançar na aprendizagem se não compreendem seus erros e acertos, suas potencialidades e fragilidades? Como poderão avançar na aprendizagem se a professora não considera o desempenho das crianças para a organização do seu planejamento?

Diante disso, faz-se primordial resgatar a ideia de que a prática avaliativa na escola existe para promover a aprendizagem. Essa é a razão de ser da avaliação: ela deveria ajudar as



docentes a compreender a trajetória de desenvolvimento de cada criança para, assim, planejar novos desafios, estratégias de ensino e mediações. Cipriano Luckesi (2000, p. 09) afirma que “A avaliação só se completa com a possibilidade de indicar caminhos mais adequados e mais satisfatórios para uma ação, que está em curso. O ato de avaliar implica a busca do melhor e mais satisfatório estado daquilo que está sendo avaliado”. Se fortalece, portanto, a ideia de que a intencionalidade primeira da avaliação deve ser a busca pela aprendizagem da criança. Assim sendo, deveríamos avaliar para compreender o desenvolvimento e, então, planejar a partir dos dados advindos da avaliação. Desta forma, se resgata a conexão entre avaliação, planejamento, ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, percebe-se a necessidade de retomar junto às professoras a essência da avaliação, processo intrínseco ao aprender e ao ensinar. Como vários outros temas, a avaliação é objeto de estudos na formação inicial docente, no entanto, nem sempre de maneira articulada à prática. A pesquisa “Estratégias avaliativas e a interlocução com as aprendizagens nos Anos Iniciais” pretende colaborar nesse cenário ao (re)conhecer a efetividade das estratégias avaliativas utilizadas por professoras atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para compreender como os processos avaliativos podem colaborar no avanço das aprendizagens. A pesquisa é realizada por acadêmicas e docentes do Instituto Superior de Educação Ivoti, instituição localizada no Rio Grande do Sul, que oferece exclusivamente cursos de licenciatura e atua na formação continuada de docentes<sup>6</sup>.

Os estudos realizados pelo grupo para a presente pesquisa buscam a compreensão da temática da avaliação em diferentes perspectivas. A partir desses, percebe-se movimentos de avanços e de retrocessos ligados às concepções e práticas avaliativas que impactam na aprendizagem das crianças. Por meio da análise da realidade encontrada nas escolas participantes da pesquisa, queremos discutir como os aspectos relacionados à avaliação se manifestam, e no presente artigo, refletir especificamente sobre os instrumentos avaliativos utilizados por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A Base Nacional Comum Curricular, ao se referir especificamente ao Ensino Fundamental, propõe que os diferentes entes, redes e instituições precisam realizar uma série de reflexões junto às comunidades escolares, com o intuito de definir aspectos de um currículo em ação. Dentre elas “[...] construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola,

<sup>6</sup> Este artigo é decorrente da pesquisa “Estratégias avaliativas e a interlocução com as aprendizagens nos Anos Iniciais”, realizada por acadêmicas e docentes do Instituto Superior de Educação Ivoti.



dos professores e dos alunos.” (BRASIL, 2018, p. 17). Essa afirmativa se refere a elementos importantes sobre a avaliação: a avaliação é formativa, ou seja, ela tem como intuito a aprendizagem; ela pode se referir ao processo ou ao resultado, sendo importante não colocar mais peso no resultado, em detrimento do processo; e, por fim, os registros auxiliam a tomada de decisões que levem à melhoria da escola, dos professores e dos alunos, o que sinaliza que a avaliação não diz respeito somente aos alunos.

Essa breve afirmativa da BNCC levanta, como já citado anteriormente, uma necessária relação entre avaliação e desenvolvimento, avaliação e aprendizagem. Nesse sentido, também a professora Jussara Hoffmann, referência nos estudos sobre avaliação no Brasil, afirma que "O termo avaliação [...] refere-se a um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem por um longo tempo e em vários espaços escolares, de caráter processual e visando, sempre, à melhoria do objeto avaliado (2020, p. 15)". Assim, torna-se importante conhecer as concepções sobre avaliação e as estratégias utilizadas por professoras dos Anos Iniciais para compreender as relações entre os processos avaliativos e a efetiva aprendizagem por parte das crianças.

Para que a avaliação leve ao objetivo de subsidiar a elaboração de estratégias para o desenvolvimento da criança, é importante que ela contemple diferentes instrumentos avaliativos, uma vez que cada instrumento poderá evidenciar de forma mais eficiente, uma faceta do desenvolvimento do aluno. (GRANDO, 2024, p. 53)

Desta forma, se desejamos qualificar o binômio avaliação – aprendizagem, necessitamos, primeiramente, compreender o que vem sendo realizado, quais instrumentos avaliativos são postos em prática, com base em quais critérios o processo avaliativo é realizado, quais os desafios enfrentados pelas docentes e o que compreendem como avaliação, para, então, poder fazer uma leitura mais precisa da realidade, e promover formações docentes que correspondam às necessidades das professoras e as façam avançar em suas práticas.

Dehaene ressalta que “[a] educação conta fortemente com a flexibilidade espetacular com que o cérebro infantil recicla alguns de seus circuitos e os reorienta para atividades novas [...]” (Dehaene, 2022, p. 197). Nesse sentido, acredita-se que as propostas de ensino vivenciadas pelas crianças devem aproveitar-se da plasticidade de cérebros que estão em desenvolvimento, pois as interações constantes com diferentes contextos e pessoas, impulsiona docentes para que proporcionem os estímulos intelectuais de que o cérebro infantil precisa, para que as capacidades mentais se desenvolvam e assim aprendam. O esperado é que tudo que acontece na escola e na sala de aula potencialize o desempenho acadêmico das crianças.



Nesse sentido, a escola existe para promover a aprendizagem e a professora é alguém que "cuida para que o aluno aprenda" (DEMO, 2012). Assim, no planejamento, a docente elege e organiza estratégias de promoção da aprendizagem. Estas podem ser compreendidas como caminhos escolhidos pela professora para que os alunos mobilizem seus esquemas mentais e construam o conhecimento. Frente a isso, é ímpar ter clareza sobre os objetivos de aprendizagem, para que esta seja bem sucedida. No entanto, somente a clareza sobre o que se deseja atingir e a definição de estratégias para fazê-lo não é suficiente para garantir a aprendizagem. De acordo com Demo (2012), é necessário realizar constante monitoramento da aprendizagem para compreender se ela está ocorrendo.

Para avaliar podemos usar instrumentos que testem e/ou meçam, mas é muito mais do que atribuir um número, quantificar, pesar, qualificar ou atribuir um valor quantitativo e/ou qualitativo; é, acima de tudo, confirmar a validade de um empreendimento. É constatar se a estratégia escolhida, na busca de algo, funcionou, era a mais adequada à situação e compensou, isto é, satisfaz nossas expectativas. (SANT'ANNA, 2014, p. 16)

Desta maneira, a avaliação, a partir de diferentes instrumentos avaliativos, poderá oferecer subsídios para compreender se os conhecimentos estão sendo construídos e se as estratégias de aprendizagem escolhidas pela professora estão sendo efetivas. Esse complexo processo de avaliação precisa estruturar-se tendo como critérios aquilo que se deseja que o aluno aprenda. A partir dessas informações, é possível alterar rotas, dar meia volta, retomar, reforçar ou avançar.

A ambiguidade ou imprecisão nesses elementos - objetivos e estratégias de aprendizagem, instrumentos e critérios de avaliação - comprometem a efetividade dos processos educacionais, uma vez que, utilizando a clássica frase de Alice no País das Maravilhas, "se não se sabe onde quer chegar, qualquer caminho serve". Essa hipótese que sustentamos nos levou a elaborar a questão cujas respostas são foco da análise neste artigo.

## **METODOLOGIA**

A prática da pesquisa em ciências humanas apresenta características próprias. Dentre essas características está o reconhecimento de que o pesquisador se encontra envolvido e está implicado na pesquisa (Flickinger, 2014). Além disso, outra importante característica é a dificuldade em isolar o objeto a ser pesquisado de uma infinidade de fatores e contextos que o influenciam.

Diante desses desafios, a metodologia a ser utilizada em pesquisas do campo da educação, por exemplo, necessita favorecer a ampliação dos sentidos e a abertura da visão do



pesquisador, não com o intuito de garantir uma pretensa imparcialidade ou neutralidade, mas para mitigar uma visão única ou uma perspectiva viciada do pesquisador. Nesse sentido, a necessária busca pelo rigor científico ocorre para que o pesquisador consiga perceber as diferentes dimensões que envolvem o problema da pesquisa, sem limitar-se à sua visão de mundo inicial.

O campo educacional é permeado por aspectos não mensuráveis e abrange dinâmicas e contradições que lhes são próprios. Nesse sentido, a pesquisa “Estratégias avaliativas e a interlocução com as aprendizagens nos Anos Iniciais” é estruturada a partir do problema de pesquisa: como as estratégias avaliativas utilizadas por professoras dos Anos Iniciais podem promover a aprendizagem das crianças?

A pesquisa tem como um dos seus objetivos, analisar os instrumentos avaliativos utilizados por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, investigando indícios de clareza conceitual em suas práticas, reflexão apresentada neste artigo. Propõe-se uma metodologia quali-quantitativa, utilizando diferentes estratégias de produção de dados, para abarcar diversas dimensões do problema a ser pesquisado. Trata-se, portanto, de um estudo de abordagem qualitativa, com apoio de dados quantitativos.

O estudo foi realizado com professoras e professores de escolas públicas de sete municípios da região do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, atuantes em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os municípios que aderiram à pesquisa correspondem a 100% dos municípios que foram contatados. A pesquisa envolveu quatro etapas: 1) revisão bibliográfica; 2) aplicação de questionário composto por questões de múltipla escolha e dissertativas, organizado nas categorias identificação, estratégias avaliativas, estratégias de aprendizagem e elaboração de relatórios ou pareceres; 3) entrevistas online semi estruturadas com duas professoras de cada município e 4) observações de aulas nas turmas das professoras entrevistadas. A pauta de observação das aulas considerou um momento em que a professora aplicou uma proposta avaliativa com a turma, e o momento de devolutiva ou retorno de uma atividade avaliativa.

A participação dos municípios formalizou-se mediante carta de aceite assinada pelas respectivas Secretarias de Educação. Na sequência, os professores foram informados sobre a pesquisa e convidados a responder os questionários, aplicados de forma online, por formulário do Google. Essa participação ocorreu de maneira livre e consentida. No que se refere às duas últimas etapas, entrevistas e observações de aulas, as docentes participantes foram indicadas por seus municípios e, posteriormente, convidadas a fazer parte da pesquisa. Especificamente em relação aos questionários, estes foram respondidos por 206 professores e professoras



atuantes nos Anos Iniciais dos municípios participantes da pesquisa. Neste artigo, nos propomos a refletir sobre os dados coletados a partir da pergunta nº 12: Quais instrumentos de avaliação você costuma utilizar com a sua turma dos Anos Iniciais? Os resultados e reflexões decorrentes dos mesmos estão elencados na próxima seção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste artigo, apresentamos dados parciais referentes à análise das respostas a uma das questões do questionário, àquela que investiga os instrumentos de avaliação utilizados pelo grupo participante. Diante da questão “Quais instrumentos de avaliação você costuma utilizar com a sua turma dos Anos Iniciais?”, obtivemos 206 respostas, das quais emergiram 170 termos distintos referentes aos instrumentos avaliativos utilizados pelas professoras. Procedeu-se, então, à análise semântica dos mesmos e ao agrupamentos dos termos que correspondiam ao mesmo significado.

Após o agrupamento semântico, identificaram-se como instrumentos avaliativos mais recorrentes: observação (36%<sup>7</sup>); provas/testes (30%); tipo de atividade avaliativa (oral, escrita, individual, coletiva...) (28%); jogos e brincadeiras (23%) e função da avaliação (diagnóstica, formativa, somativa...) (22%).

Uma primeira análise permite inferir uma possível dificuldade de compreensão em relação à questão proposta, pois, ao invés de citar instrumentos, muitos participantes mencionaram quando ou como avaliam, citando tipos de propostas ou funções avaliativas, e não especificando o que, de modo prático, realizam junto às turmas. Respostas como “A avaliação é diária e contínua”<sup>8</sup>; “Avaliação processual e contínua, de acordo com a evolução dos alunos” e “Na minha visão a avaliação é contínua. A avaliação é em todo momento”, demonstram o entendimento das respondentes sobre a temática, no entanto, não respondem o que foi questionado, ou seja, quais são os instrumentos avaliativos utilizados.

Ao proceder à análise dos 20 termos mais citados, constatamos que 11 deles se configuram como instrumentos avaliativos, 7 correspondem a estratégias de aprendizagem e 2 referem-se a critérios avaliativos. Respostas como “Produções textuais, provas de múltipla escolha, AVALIA NH, relatórios de pesquisa, portfólio com trabalhos diversos desenvolvidos pelos estudantes” e “Prova escrita, trabalhos, práticas”, elencam com clareza e objetividade

<sup>7</sup> Percentual presente no total das respostas obtidas.

<sup>8</sup> As respostas mencionadas no artigo não sofreram nenhuma alteração ou correção gramatical ou ortográfica.



os instrumentos utilizados para avaliar os processos de construção do conhecimento, o que também pode ser observado na resposta a seguir:

*Além das avaliações obrigatórias enviadas pelo Estado (CAEd) e pelo Município (Avalia NH), faço mensalmente as testagens de leitura e escrita individualmente com cada estudante. Essas também são avaliações necessárias de se colocar no sistema/plataforma do Município. A plataforma é o Simulie. Porém essas testagens me ajudam a avaliar os progressos dos estudantes. Além disso, a avalio os estudantes de forma gradual e continua, em um processo multifacetado, que acompanha a jornada singular de cada estudante. Para além da aferição de resultados, avalio e valorizo as estratégias individuais e desafios superados, além da evolução de cada um ao longo do percurso educativo. (Docente dos Anos Iniciais participante da pesquisa)*

Os instrumentos citados pela participante (avaliações externas e testagens de leitura e escrita) permitem monitorar a aprendizagem, bem como a efetividade das estratégias planejadas pela professora, ou seja, cumprem com a função avaliativa. A professora explica também que se trata de um processo gradual, contínuo e multifacetado, que permite o acompanhamento de cada jornada de aprendizagem.

Na resposta a seguir, é possível perceber como a professora confundi instrumentos avaliativos e estratégias de aprendizagem:

*Utilizo como parâmetro o crescimento de cada aluno, ou seja, através das atividades percebo se ele está evoluindo e se compreendeu o que foi proposto! Gosto muito da avaliação de forma oral, onde eles podem trazer o que compreenderam! Realizo também trabalhos individuais e em grupos. Gosto muito do mapa mental para fixar o assunto estudado! Realizo provas também, mas esse último busco não tornar algo definitivo, pois muitas vezes o aluno sabe, mas na hora da prova fica nervoso e não consegue demonstrar o que já aprendeu! (Docente dos Anos Iniciais participante da pesquisa)*

Quando a participante cita as avaliações orais e as provas, está se referindo a instrumentos que se propõem a avaliar o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. No entanto, ao citar os trabalhos individuais ou em grupos e a realização dos mapas mentais, refere-se a estratégias de aprendizagem: “Gosto muito do mapa mental para fixar o assunto estudado!”, o que aponta para uma indiferenciação entre propostas que tem como objetivo ensinar e aquelas voltadas à avaliação.

Outra incidência encontrada diz respeito aos critérios avaliativos, como quando os participantes citam “[...] comprometimento do estudante, organização com os materiais e atividades propostas, respeito com os colegas e professores” e “Eu valorizo o que o estudante fez com empenho, independente do grau de aprendizagem”. Nessas respostas, que exemplificam várias outras desse tipo, o foco não está na aprendizagem, nem nos instrumentos avaliativos, mas naquilo que a professora elege para valorizar, nesse caso, aspectos comportamentais e organizacionais.

A presença de termos que confundem instrumentos avaliativos, estratégias de aprendizagem e critérios avaliativos revela indícios de indiferenciação conceitual nas práticas



docentes, o que ficou evidenciado nos dados do questionário, foco da análise deste artigo. Percebemos, entretanto, que também nas entrevistas essa indiferenciação foi expressa por algumas participantes. Na sequência, com o intuito de ilustrar essa incidência também na etapa das entrevistas, apresentamos um trecho de fala de uma das professoras entrevistadas. Ao ser questionada sobre os instrumentos de avaliação que utiliza na sua turma de 3º ano, ela afirmou:

*Eu gosto de seguir o que a escola pede, mas, além do que a escola pede, eu tenho anotações, vou fazendo observações. [...] o ato de avaliar não é somente para o parecer, mas perceber quais são as lacunas que eu tenho que estar trabalhando. [...] eu olho o caderno, ou quando eu faço a correção, quando eles estão me ajudando a resolver, eu consigo ver algumas dificuldades que eles têm na fala deles, porque é diferente quando eles falam para os colegas ou só para mim[...] (Professora dos Anos Iniciais participante da etapa de entrevista e observação de aula)*

Esse relato revela uma ação pedagogicamente adequada da professora, no entanto, não evidencia clareza conceitual do que se constitui como instrumento avaliativo. Na sequência da entrevista, e ainda respondendo sobre “instrumentos avaliativos”, a mesma professora destaca: “Eu faço a minha avaliação também como profissional. Ah, hoje eu não deveria ter puxado tanto, ou hoje eu não puxei muito, então cuidar mais com isso, ou às vezes eles trazem questões, coisas que às vezes a gente não percebe, [...].” Essa referência ao seu processo metacognitivo também é importante, mas não corresponde a um instrumento avaliativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa vem se propondo a avançar no entendimento sobre as estratégias avaliativas adotadas pelas professoras participantes, bem como a interlocução entre esses processos e o avanço nas aprendizagens de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A partir dos dados da realidade levantados e aqui discutidos, constata-se que há indiferenciação entre os termos “critérios avaliativos”, “instrumentos avaliativos” e “estratégias de aprendizagem”, levando-nos à conclusão parcial de que os processos avaliativos realizados no âmbito escolar podem ser permeados por falta de clareza e de estratégia. E tendo como consequência o comprometimento dos processos de aprendizagem.

A BNCC ressalta que “as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo.” (BNCC, 2018, p. 57). Desta forma, é imperativo à ação docente atenção a essas características, o que demanda um trabalho organizado em torno dos



interesses das crianças, enquanto elas mobilizam operações cognitivas cada vez mais complexas, para que possam ampliar sua compreensão de si e do mundo, expressar-se através da escrita e outras linguagens. Isso evidencia o necessário investimento em formação docente, no intuito de fortalecer a articulação entre avaliação e aprendizagem, incidindo assim, na qualidade das aprendizagens escolares das crianças.

Por fim, os resultados aqui expressos são parciais e as reflexões não se esgotam, sendo necessária e desejosa a articulação com outros estudos e teóricos que colaborem na compreensão dos dados e na articulação de propostas que visem à qualificação da formação docente.

## AGRADECIMENTOS

O grupo de acadêmicas e docentes participantes da pesquisa “Estratégias avaliativas e a interlocução com as aprendizagens nos Anos Iniciais” agradece aos participantes da pesquisa, de maneira especial, às professoras que abriram as portas de suas salas de aula ao grupo. Estamos todas aprendendo e buscando qualificar, a cada dia, a educação que propiciamos às nossas crianças.

## REFERÊNCIAS

- Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- DEHAENE, Stanislas. **É assim que aprendemos**: por que o cérebro funciona melhor do que qualquer outra máquina (ainda...). São Paulo: Contexto, 2022.
- DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. São Paulo: Mediação, 2012.
- FLICKINGER, Hans-Georg. **Gadamer & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 133 p.
- GRANDO, Katlen Böhm. **Documentos Avaliativos**: 30 perguntas para qualificar a escrita de relatórios e pareceres. 2. ed. São Paulo: Scortecci, 2024.
- GRANDO, Katlen Böhm. **Escrita e leitura de professoras em contexto de formação profissional e a reflexividade pedagógica**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pelotas, 2018. 323 p.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e Educação Infantil**: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2020.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Pátio. Porto



Alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e instrumentos. 17.

Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

